

## Um Sorriso que vem do passado.

Por JULIO CESAR FIDELIS SOARES

### *Resumo*

O presente artigo trata de uma primeira aproximação a um legado centenário deixado por jovens mulheres que habitavam a área rural de Resende no início do século passado o periódico *Sorriso*. O objeto deste primeiro estudo é não só o jornal, mas também as jovens que o produziram, lembrando ao leitor que é inusitada esta publicação, pois, primeiro foi editado por mulheres e segundo como já dissemos ser um jornal de área rural com temática diversa e com um grau de conhecimento literário interessante e aí ficam mais fascinantes as questões técnicas de diagramação, muito embora ele fosse totalmente editado à mão exemplar a exemplar. Nosso encantamento pelo tema se faz justamente por ver jovens moças que viviam num mundo rural e totalmente masculino, mesmo que tenham enfrentado dificuldades conseguiram produzir e distribuir os exemplares do jornal *Sorriso*.

Escrever a história das mulheres talvez não seja bem o objeto de nosso desejo, mas um passo, sem dúvida, bastante importante para a construção de uma história da relação entre os sexos. Isso porque o mundo já conhece um extremo do caso; talvez seja necessário conhecer o outro para só então chegar à vez do equilíbrio. São algumas centenas de anos perdurando a tão famigerada superioridade masculina; talvez seja um caminho para o equilíbrio e um capítulo importante na construção da história dessa relação.

Ao longo dos anos houve uma história das mulheres sim! Talvez não aquelas que gostaríamos de ouvir, mas houve. Foi nos apresentada uma mulher passiva, dominada, obediente, desfavorecida, sempre. E quando digo sempre, é sempre mesmo.

Desfavorecidas nas artes; sempre foram os artesãos homens, os pintores, os cantores, os literários, em suma um mundo de um só gênero. E quando a

mulher adentrou este campo, conheceu a excomunhão, o desprezo, receberam sua pecha de prostituta, bruxa e outras coisas mais. Por força do grito conquistou seu lugar, ajeitou-se, fez-se valer de seus méritos e, salvo exceções, ocupa hoje com maestria renomados lugares na sociedade e na história dela.

Assim o presente artigo pretende apresentar a história de três jovens pioneiras que resolveram ser redatoras de um jornal denominado por elas de “*Sorriso*”. Pois bem o que há de anormal nesta história. A grande diferença ou anormalidade é que tudo isto se deu no início do século passado, mais precisamente no ano de 1900, há cento e sete anos na jovem república brasileira, sob influências fortes do positivismo, do cientificismo e pela medicina higienista. E mais tal jornal foi criado em área rural, Capelinha do Pirapitinga, pertencente ao município de Resende que logo estaria comemorando em 1901 o seu centenário de elevação a Vila. Neste período o Município de Resende já se apresentava como responsável pelo um terço da produção leiteira do Estado do Rio de Janeiro, sendo ainda o segundo produtor de manteiga e queijo. Rememorando o ambiente em que veio a luz o “*Sorriso*” veio-nos a lembrança de que se comemorava o quarto centenário do descobrimento do Brasil, com lançamento dos primeiros selos comemorativos do Correio Nacional, que em São Paulo tivemos a abertura do Moinho Matarazzo, um ícone da paulicéia. Poucos dias depois da primeira edição do “*Sorriso*” em 14 de abril de 1900, operários imigrantes italianos fundam o Clube Socialista dos Operários no dia 19 de abril, isto dará pano para manga!

Em mil e novecentos é grande vulto nacional o Dr. Oswaldo Cruz, que criou e foi diretor do Instituto Soroterápico Federal, hoje Instituto Oswaldo Cruz, em termos internacionais é o ano da morte da Rainha Vitória soberana do Império Britânico, alguns marcam o ocaso do século XIX a partir do fato. O Brasil nesta época tinha um pouco mais de 17 milhões de habitantes dos quais sessenta por cento viviam no campo, ouvíamos pela primeira vez “Ô Abre Alas” de Chiquinha Gonzaga, na política no Presidente Campo Salles consolida o poder regional através da chamada “política dos governadores”. Era preciso ir à cidade para tentar conseguir uma revista nova, supimpa a *Revista da Semana* que dava conta do que se passava na corte, perdão Distrito Federal. Bom mesmo era tomar

o trem, na estação de Agulhas Negras da Estrada de Ferro Central do Brasil, e ir ao Rio de Janeiro numa das livrarias da Rua do Ouvidor para comprar o último romance que saiu do prelo *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Ah! Depois dando um pouco de descanso as canelas, que tal pegar um Bonde Elétrico e ir até as Laranjeiras ou São Cristóvão, aliás, diz a imprensa por aqui “ *nossos elétricos, que, sem o menor favor são os melhores do mundo ...*”, além disso o tráfego da cidade se constituía de raros caleches<sup>1</sup> e charretes, carroças puxadas por um ou dois animais e o que se via muito nessa atribulada cidade é mesmo os “ *burros-sem-rabos*” que puxavam pelas calçadas nas ruas suas carroças cheias de mercadorias ou alguma mudança. Nessa loucura de cidade grande, Lago da Sé, passa o leiteiro com sua vaquinha doente e seu bezerrinho, o vendedor de aves, o ceboleiro, o cesteiro, o vendedor de vassouras, o paneleiro; vem um homem oferece mocotó, outros doces; um negro talvez ex-escravo diz - “vai aí um saco de carvão ...”, mulheres doceiras cantam um pregão e tentam empurrar algumas umas miudezas. Em fim a cidade grande é uma imensa feira, é hora de voltarmos a nossa Resende.

Bem falamos, falamos, mas não dissemos nada a respeito das fundadoras do pequeno grande jornal, elas são as jovens moças, como se dizia na época, **Francisca J. da Silva, Helena Amanda e Julia Lopes**. E qual ou quais seriam os fins ou objetivos deste periódico. E aí eu deixo que elas digam:

*“ Os nossos fins são bons e boas são nossas intenções: temos por fim distrairmos os nossos leitores amenizando de algum modo, com entusiasmo humorístico e recreativo o tédio da vida, que neste lugar é simplesmente enfadonha. [...]”*

Ao depararmos com os exemplares do “*Sorriso*” é que nos veio a vontade de entrar no mundo destas jovens do século passado para descobrir quem eram, como viviam, qual suas relações o mundo externo, uma vez que elas mesmas tecem uma crítica ao local onde vivem tratando-o logo na primeira edição de “enfadonho”. E mais cabe a nós fazermos uma releitura da sociedade rural da época, pois pelo que foi até agora visto. E pelo senso comum no meio rural não

---

<sup>1</sup> Variedade de carruagem com quatro rodas e dois assentos, puxada por dois cavalos em parelha.

havia espaço para gente letrada e aí deparamos com o “Sorriso”, cada edição deve ser estudada por nossos especialistas em Letras, nas forma do discurso, do gênero e tudo mais que possível for; pois são jovens mulheres jornalistas de área rural, creio que é uma oportunidade impar tanto para historiadores como para os amantes das letras.

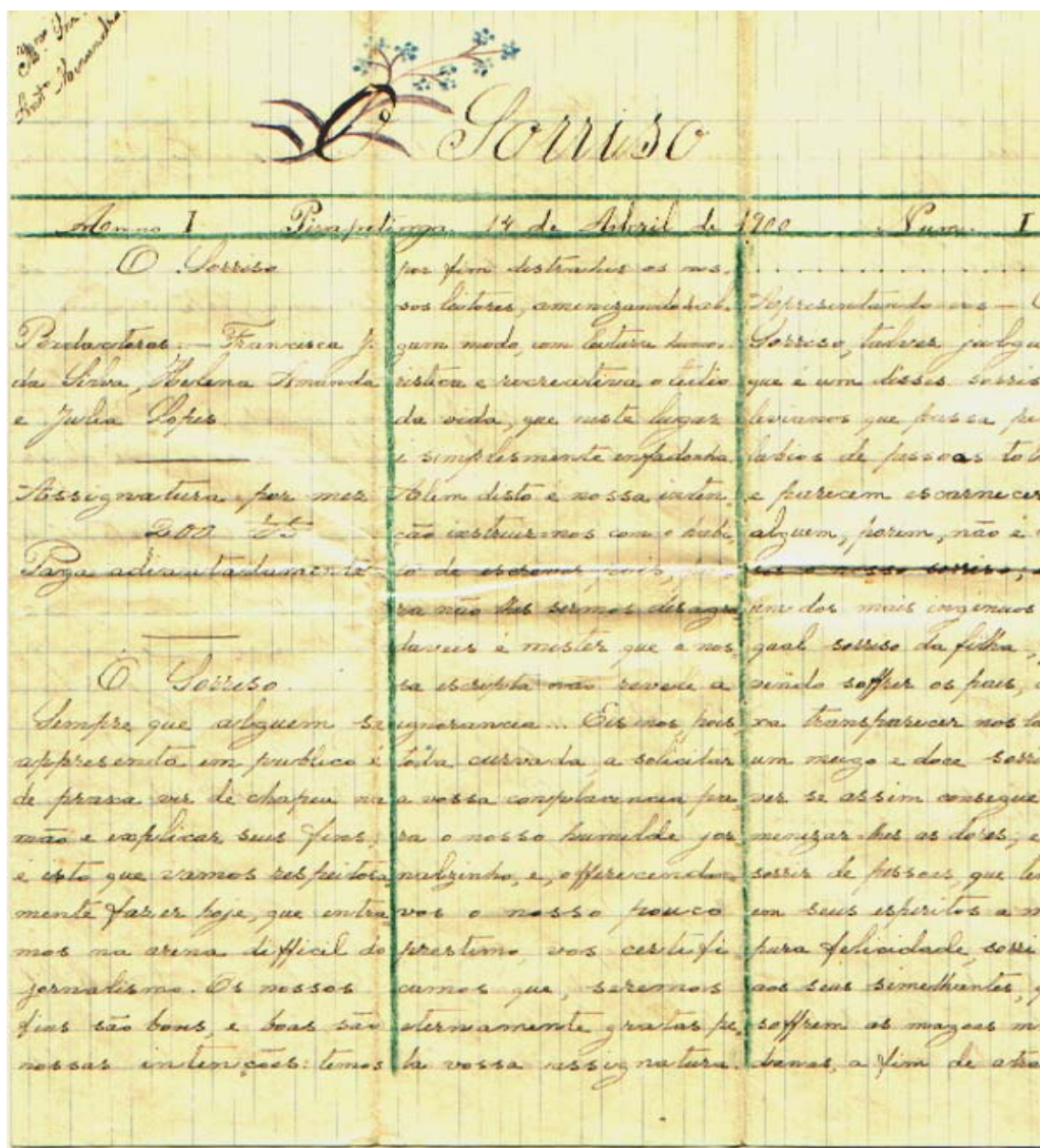


Imagem 1 : primeira página da primeira edição do Sorriso -14 de abril de 1900.

### Referência Bibliográfica:

"Almanack do Centenário de Resende para Anno de 1902" - Ed. Typographia e Papeleria "Fonseca" - Resende-1902.

São Paulo, 110 anos de Industrialização 1880-1990 Editrês, São Paulo -SP, 1990.

Perrot, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de Histórica (São Paulo), n. 18, 1989.

Sodré, Alfredo. Resende, Os Cem Anos da Cidade. [S.Ed]

Nosso Século - São Paulo: Abril Cultural, 1980 -Vol. 1 Memória fotográfica do Brasil no século XX. Vol.1 1900 / 1910.

Whately, Maria Celina, O Café em Resende no Século XIX, Ed. José Olympio, Rj, 1987.

\_\_\_\_\_, Resende, A Cultura Pioneira do Café no Vale do Paraíba, Niterói-RJ :Ed Gráfica La Salle , 2003.

\_\_\_\_\_, & Maria Cristina F.M. Godoy -ARDHIS -Academia Resendense de História. Resende, Crônicas dos Duzentos Anos, Resende-RJ :Ed Gráfica La Salle , 2001.